

EDITORIAL

O COMODISMO DE MUITOS

Torna-se imprescindível e necessário que as pessoas assumam suas responsabilidades, as questões pessoais, sociais e de correto exercício da cidadania que lhes dizem respeito, deixando de jogá-las sobre terceiros (pais, amigos, colegas, a sociedade, o governo). Muitas vezes, pesos insuportáveis lançados comodamente às costas e a cargo de outrem. A necessidade das pessoas compreenderem ainda limites, valores, o respeito social, regras de convivência, a alteridade. Indivíduos que, autoritários e críticos, revestidos ou não de mando, poder ou de uma pretensa legitimação social, buscam manter o outro sempre em posição inferior, minando a autoestima e a autonomia alheias com comentários de insatisfação, repreensões, bazófias, ares de superioridade.

Quantos, de forma caprichosa, matreira, megalômana, querem ser atendidos em tudo, a tempo e a hora, sobrepondo-se ao senso comum, às boas normas de relacionamento, à lei. Se não atendidos ou momentaneamente impossibilitados, fazem-se de vítimas, de prejudicados, manipulam, recusam a diferença, a frustração, o não como parte normal da existência.

Daí a importância, quando se é criança, da falta, do não quando

necessário, por parte de pais, educadores, pois o fato se transformará em presença, em sim, quando se (tiver que) enfrentar as intempéries da vida. Não se vive sem perdas, enfermidades, abandono, injustiças, erros, abusos, fracassos que, como os ventos e o ar frígido da manhã, um súbito temporal nos batem sem avisar à porta.

Os estudiosos falam do ranço de autoritarismo na nossa sociedade, oriundo do escravagismo, em que validamos, seja pela ação, ou pela omissão, pela acomodação ou concessão vicária, as injustiças verificadas diuturnamente. Há uma recusa da aceitação da igualdade, o hábito de se usar o aparelho jurídico-estatal em prol de interesses menores e dos grupos dominantes (políticos, empreiteiros, etc). Dessa forma, os bens e espaços públicos são apossados pelas elites e por parasitas incrustados no poder.

Faz-se mister um campo de vitalidade participativa, uma fronteira social e transformadora de combate, de resistência às desigualdades vigentes, à acomodação, ao servilismo, ao instrumentalismo de todos os “bonachões”, adeptos da “dolcevita” que, por força de nosso silêncio e aceitação, sugam a seiva produtiva e a vitalidade social.

AO PÉ DA FOGUEIRA

O BOI COM BICHEIRA

O carro de bois, vindo dos lados da Florinda, fazenda do Sr. José Machado da Silveira, achava-se na cidade, como ocorria periodicamente. Era a única forma, então, de escoar a produção do campo e de transportar mercadorias.

Trouxera, dessa vez, uma carga de polvilho para comerciantes e fregueses do “arraial” e retornava carregado, chedas e eixorandendo, com sal, querosene, sacas de farelo de amendoim, alguma ferragem, um arado que fora reformado na forjaria do Sr. Carmindo.

Um dos bois apresentava uma ferida no dorso. Uma bicheira. Ao passar próximo à casa de Pe. José, o carreiro – ao ver o bonançoso vigário à sacada – dá um comando de “eia!” endereçado aos bois e ao candeeiro, forçando uma parada. Como de costume, respeitoso, reverente, despe-se do velho chapéu, pede a bênção e junto a essa, um peculiar pedido: que Pe. José benzesse o animal.

Este não se fez de rogado. De pronto, expedito, com os chistes de sempre, benzeu a rês e por etapa, toda a boiada e pessoal do eito. À saída, encerrada a benzedura, Pe. José completou:

- Fiz a minha parte. Mas aqui na cidade mesmo ou chegando na fazenda, “oxê” coloca creolina na ferida. Ajuda muito na cura...

“QUEBRA O ÔTO”

Pelos finais da década de 70, início de 80, pouquíssimos comércios existiam em nossa Cidade. Entre eles distava - se o Sr. Batistinha que até hoje ainda atende a todos. Atendia grande parte da população rural e urbana. Sempre passam pelo seu comércio



muitos andantes que ele atendia com muito bom grado. Dentre eles destacava-se o Sr. Raimundo, que passava quase que o dia inteiro por lá, chegando até almoçar, gostava muito de uma cachaça e tinha um dizer assim “quebra o ôto”. Certo dia, estando somente ele e Sr. Batistinha, tarde tranquila, ouvindo-se somente o cantar dos pássaros, surge D. Lurdes desesperada, chorando, lamentando: “acode Batista, meu filho quebrou o braço! O que eu faço?” Sr. Raimundo não titubeou, pulou da cadeira e exclamou: “quebra o ôto!” Foi um alvoroço danado! Batistinha teve que ficar ligeiro para não deixá-la bater nele.

Antônio Euler

ADIVINHAS

- 1 - O que é que em casa está calado, no mato está batendo?
 2- O que é, o que é, por mais que seja cortado, fica do mesmo tamanho?
 3- O que é, o que é quanto mais se perde mais se tem?

Respostas: 1- O machado; 2- Baralho; 3- Sono

Provérbios e Adágios

- *“A natureza não faz milagres; faz revelações.” (Carlos Drummond de Andrade)
- *“Devemos nos tornar a mudança que queremos ver no mundo.” (Mahatma Gandhi)
- *“Não se venda: você é tudo o que você tem.” (Janis Joplin)
- *“A verdade é filha do tempo, não da autoridade.” (Francis Bacon)
- *“A felicidade é a única coisa que podemos dar, sem possuir!” (Voltaire)

Para refletir:

“O mundo de amanhã será uma sociedade baseada na não violência. Pode parecer um objetivo longínquo, uma impraticável utopia. Mas não é inviável, desde que comecemos a operar aqui e agora. Um indivíduo pode adotar a forma de vida do futuro – a não violência – sem ter de esperar pelos outros. E se um indivíduo pode fazê-lo, não o poderão os grupos? Nações inteiras? Muitos homens hesitam em dar começo, porque sentem que o objetivo não pode ser alcançado por completo. Tal atitude mental é precisamente nosso maior obstáculo para o progresso – um obstáculo que cada homem, se sozinho decidir derrubar, pode derrubar.” (Mahatma Gandhi)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.
 Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.
 Coordenação: Lídia Fernanda de Campos
 Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.
 Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.
 Apoio: Júlia Francisca Vasconcelos
 E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br
 COMO FALAR CONOSCO:
 BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO
 Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG
 CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107
 Falar com Júlia Francisca Vasconcelos Santiago

Realização:



TERMINOLOGIA LIGADA À MILENAR ARTE E OFÍCIO DA FORJARIA

(vocábulos de uso comum, no passado, relativo aos equipamentos utilizados ou produzidos nas antigas forjarias e tendas de ferreiro e que são exemplos de nosso riquíssimo idioma. (Ver, a esse respeito, matéria “A forjaria do Sr. Carmindo publicada em nosso boletim nº 48, Set/2011)

- Sertã** – frigideira rústica, larga e rasa confeccionada nas forjarias;
- Linga** – vara de ferro para prender, içar ou arriar objetos pesados;
- Armela** – anel ou argola por onde se passa a alça de cadeados; ferrolho para trancar portas.
- Bútio** (ou alcaraviz) – tubo por onde se comunica o ar nos foles;
- Talocha** – desempenadeira; broquel;
- Trado** – verruma grande; gonete;
- Troquel** – forma para cunhagem de peças de ferro;
- Tranča** – ferramenta para virar beiradas de folhas-de-flandres ou metais;
- Bigorna ou incude** – peça de ferro sobre a qual se malham ou se amoldam metais.
- Mascoto** – martelo grande;
- Alavanca** – instrumento constituído por barra de ferro (ou madeira) para mover e levantar pesos. A alavanca grande que move pesos maiores é chamada de alçaprema;
- Tacho** – vaso de metal, largo e pouco fundo, geralmente com asas;
- Remanchador** – ferramenta com que se faz bordas, apondo-se o maço no fundo das vasilhas e objetos sobre a bigorna;
- Barrilete** – peça de ferro para prender a madeira lavrada;
- Escamel** – banco usado por ferreiros e oficiais para polir ferraduras, armaduras, foices, etc.
- Alfeça** – peça de ferro utilizada para abrir os alvados de enxadas, machados, etc.
- Estucha** – cunha;
- Choupa** – ferrão; agulhão;
- Chação** – peça para apertar arcos;
- Carcel** – candeeiro suspenso;
- Arandela** – suporte para bicos de gás;
- Garrida** – pancas de ferro;
- Cavilha** – peça de ferro, madeira ou metal, com cabeça em uma das extremidades e fenda na outra, para juntar ou separar chapas, madeiras, etc.
- Cravija** – barra de ferro que une a lança com os varais do carro;
- Almofaça** – escova de ferro para limpar cavalgadas;
- Rilheira** – moldes para fazer chapa;
- Forja** – conjunto de fornalha, fole e bigorna utilizado por ferreiros em seu ofício; oficina de ferreiro; pequena fundição;
- Tenda** – oficina de ferreiro, marceneiro, marcheteiro, etc.
- Tenaz** – instrumento semelhante a uma tesoura com cabos longos, utilizado para por ou retirar peças nas forjas, para segurar ferro em brasa, malhar na bigorna, etc.
- Áscua** – chispa (faisca) de fogo escapa do ferro em brasa ao ser este malhado.

Nota – outro célebre e conceituado ferreiro de nosso meio foi o Sr. Geraldo Tereza, irmão do Sr. José Quiquil, morador no povoado dos Lopes, próximo a Jacarandira. Produzia em sua oficina e com seu excepcional talento, inúmeras ferramentas úteis para a lavoura e atividades caseiras e domésticas.

Enxadas, torqueses, foices, ferraduras, conchas e tachos para engenhos, peças para moinhos d'água e carros de bois etc. Era ainda exímio marceneiro e entalhador.

Outro ferreiro de renome foi o Sr. José Pedro Ribeiro (“Zé Eduardo”) nos Melos. Um profissional fundamental no passado, e que, ante a evolução da indústria metalúrgica e de trefilados, praticamente desapareceu de nosso cenário.

Patrocínio:

EletrôMóveis



Apoio Cultural:



É noite de São João

O céu fica todo estrelado, fica todo iluminado...”



Ano 2013, Morro do Ferro celebra seu padroeiro, São João Batista.

Quadrilha, alegria, rendas e babados, chapéus e botas, cantoria e versos.

Lendas, histórias, solenidades, uma religiosidade que brota da terra.

Estátua do Santo no trevo, na entrada do lugar. Abençoando e protegendo.

Iniciativa do prefeito também de nome João.

Alegria estampada no rosto dos filhos de Deus.

Entusiasmo numa carreata pelas ruas do distrito confirmando a fé secular.

Eucaristia relembando o exemplo da vida daquele que anunciou a vinda do Salvador.

Viva João Batista! Viva o precursor!

A imagem de Tábua, professores e alunos. A escola.

Anúncio da festa, nossa maior Tradição. O sino, o choro, a saudade e os foguetes.

A igreja, o altar, as flores, o Santíssimo, o padre.

Ladainha, mastro, fogueira, alvorada, café da banda. Centenária Lira Batistana.

A maior noite do ano. A fonte. A água benta. A folia. A sanfona.

Os foguetes.

Meia noite. A imagem do santo no meio do povo.

A mistura de sentimentos. Tudo junto.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Tudo misturado.

A fé e o povo. O povo e a fé. A bênção e o canto.

O grito dos corações. O encontro dos amigos.

O latim, a gratidão, o leilão, a comunhão do povo de São João.

As barraquinhas, as bandeirolas, o hino e outros hinos.

O pula pula, as compras, o churrasco.

O almoço, a espera, a confraternização.

As velas, a promessa, a emoção, a procissão, a multidão.

A espera do andor, o viva, as palmas, a emoção. Os foguetes.

O show na praça, a dança, a fartura no bolso, a roupa nova.

Alegria revigorada daqueles que confiam em São João.

Missa, coroação, Sagrado Coração de Jesus.

As fitas, a procissão, balões e chuva de prata.

São Pedro e São Paulo. Despedida.

A festa. Uma saudade anunciada.

A certeza. O renascimento. De novo a espera.

Obrigado Senhor.

“...e diante do altar poder rezar e pedir para o outro ano a graça de poder voltar.”

*(Professor Antônio Ananias da Silveira Freitas
Duga/ Morro do Ferro)*

ASPECTOS DA ESCRAVIDÃO EM NOSSO MEIO

Os colonizadores portugueses, a partir do século XVI, recorreram à escravidão de africanos para os trabalhos nas plantações (lavouras em geral) e nos engenhos de açúcar, inicialmente no Nordeste brasileiro, que exigiam muita e vigorosa mão de obra. A experiência de escravização de índios, habitantes naturais da América, não dera certo, pois estes eram acostumados à vida livre nas selvas e nas tribos onde os serviços mais pesados eram feitos pelas mulheres. Os índios tiveram ainda, a seu favor, a defesa dos jesuítas (missões) que lhes ensinavam a língua portuguesa e a religião cristã. ⁽¹⁾

Os indígenas, contudo, continuaram sendo caçados e aprisionados, chacinados em sua maioria, interior do País afora, por rapinantes expedições denominadas “entradas” e “bandeiras”, chefiadas por homens cruéis, a quem o historiador Eduardo Bueno denomina “piratas do sertão” ⁽²⁾

Os negros, por sua vez, viviam muitos deles já em condições de escravos na África e eram muito superiores, em termos de robustez, aos ameríndios. Capturados e embarcados na África, nos porões dos navios “tumbeiros”, grande número morria ao longo do percurso, vitimado(s) por doenças, má alimentação, maus tratos, condições sórdidas e insalubres das embarcações, sendo os corpos lançados ao mar.

Os negros traficados para o Brasil pertenciam a vários grupos étnicos, principalmente o sudanês e o banto, aqui chegando, em seu maior número, nos portos de Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Após a chegada, eram vendidos em leilão e tratados como alimárias.

O africano escravo praticou, entre nós, todos os ofícios, inclusive nas minas. Um bom escravo minerador tinha assim um preço e valor elevados. É de origem africana a bateia, espécie de peneira até hoje utilizada por garimpeiros para catar ouro no fundo dos rios. Participou ainda de bandeiras, sendo denominados “tapanhunos” pelos paulistas. Todavia, foi nos engenhos que os negros prestaram os maiores serviços, trabalhando duro, sol a sol, seja no cultivo dos canaviais, seja na fabricação ou no transporte do açúcar.

Deixou o negro grande e inesgotável influência na cultura e nos costumes do povo brasileiro. São de origem africana muitas festas, folguedos, danças, crenças religiosas; na culinária com o vatapá, o angu, o munguzá, temperos (como o azeite de dendê): da mesma forma na linguagem, na música e artes em geral.

(1) Um dos mais intrépidos defensores dos indígenas contra a infâmia da escravidão foi o Pe. Antônio Vieira (06/02/1608-18/07/1697), religioso jesuíta, evangelizador, orador sacro, diplomata, humanista. Um dos maiores vultos de nossa história, indubitavelmente. Indispôs-se, por força de suas elevadas ideias e atitudes com os colonos do Maranhão, onde se dedicava à catequese e à evangelização e província, onde segundo os estudiosos, a escravidão brasileira se fez mais bárbara e aviltante. Foi preso e perseguido pela Inquisição, por defender os judeus convertidos (cristãos novos). De fato, um homem dessombreado, corajoso, mártir!

(2) A escravidão indígena foi oficialmente extinta no Brasil em 1757, por determinação do Marquês de Pombal, embora, desde 1570, uma carta régia portuguesa proibisse a captura de índios. Medida burlada pelos colonos que alegavam estar sendo guerreados pelos indígenas...

A ESCRAVIDÃO EM NOSSO MEIO

Dezenas, senão centenas de fazendas, em nosso meio, utilizaram-se, no passado, do nefando comércio e exploração do trabalho escravo. O negro entrou na região das Minas através de “comboios”, vindos principalmente do litoral (Rio de Janeiro) e com objetivos iniciais na extração de ouro. Outros grupos chegaram, até nós, oriundos da Bahia. Eram, em sua maioria, de Guiné e Moçambique e posteriormente de outras etnias. Muitos deles eram inteligentes, argutos, trabalhadores de índole pacífica e sedentária. Conseguiram alguns amedidar poupança, alforriarem-se, e aos seus familiares, e ainda a outros companheiros de infortúnio. Outros, de temperamento indócil, rebelavam-se, sendo punidos com extrema crueldade por senhores e feitores. Os que escapavam, acabavam por formar aldeamentos em locais isolados e inóspitos na mata, os denominados “quilombos”.

Pouco se estudou e se pesquisou, na verdade e ao que parece, até o momento, sobre o sistema de escravidão entre nós, em particular em nosso município e adjacências.

A oralidade local, no entanto, acha-se enriquecida de inúmeros fatos e “causos” pertinentes ao período escravista. Muitas pessoas – percebe-se - evitam abordar o assunto, por serem descendentes de antigos proprietários escravistas e os comentários orais, por vezes, alguns ou em sua maioria adulterados e até maledicentes, relatam fatos desabonadores, constrangedores ou inverídicos os quais a memória familiar prefere que sejam olvidados.

Diversas fazendas da região detinham considerável número de escravos, empregados geralmente em serviços agropastoris (lavouras e criações de gado). Outra importante ocupação dos cativos era o trabalho com muare, no transporte de mercadorias para os grandes centros da época (São João Del-Rei e Rio de Janeiro). Pelas Listas nominativas de 1831/1832, pode-se observar o grande contingente de moradores locais que exerciam atividades com tropas.

Principais fazendas do Município e adjacências com escravaria: Papunça, Rio do Peixe, Tapera, Várzea Alegre, Gamelas, Paciência, Sobrado, Cachoeira, Sapé, Ribeirão, Baú, Córrego da Prata, Lavrinha, Mato Dentro, Tatu, etc.

A partir das listas nominativas e de inventários post mortem, ⁽¹⁾ pode-se notar que a região detinha uma das maiores concentrações de escravos da comarca do Rio das Mortes. Sinal de capacidade de se produzir riqueza, pois o escravo era uma mercadoria cara, importada, valorizada. O volume de terras e o número de escravos definiam as conformações físicas, econômicas e sociais dos senhores e potentados da época. As fazendas locais constituíam unidades produtivas com larga diversificação econômica, num cenário em que os atores humanos se moviam dentro de um rígido “script” (enredo) escravista. Uma severa distinção de classes e valores.

As fazendas eram autossuficientes em todos os níveis, não só na produção agropecuária (roças e gado), mas igualmente nas unidades de forjaria, carpintaria, tropas, engenhos de açúcar, moinhos, pilões, monjolos, tocados por escravos. Geravam superávit em sua produção, e que era conduzida aos mercados da região, através de tropas e cargueiros. Além disso, os proprietários, devidamente capitalizados, procediam a títulos de crédito (empréstimos e agiotagem), o que lhes concediam receitas externas e consequente crescimento patrimonial.

Parecia ocorrer, todavia, um relacionamento algo “ameno” ou de mútua interação ou “tolerância” entre senhores e escravos, porquanto, entre nós, são limitadas as informações –talvez não pesquisadas ainda - sobre rebeliões ou mesmo abusos severos e acintosos. Em muitos inventários, encontram-se petições de escravos apelando pela liberdade (alforria), sob a fundamentação de terem prestado serviços por longas décadas aos seus proprietários e por serem “sujeitos e amorosos” Era uma sociedade complexa, de relações não só de mando e submissão, de relações conflituosas e tirânicas, mas também de convivências, de busca da sobrevivência e de afirmação. Malgrado a violência institucional da escravidão, o cativo fez-se sujeito da história, obtendo ganhos e posicionamentos dentro do sistema escravista. Estudos revelam, ademais, que os escravos desenvolveram igualmente suas redes internas de solidariedade e parentesco, através de casamentos e apadrinhamentos.

(1) O Museu Regional de São João del-Rei dispõe de inúmeros testamentos e inventários post mortem de antigos senhores de escravos de nossa região, devidamente catalogados, e que são uma excelente fonte de pesquisas para estudiosos e de conhecimento para o público em geral.





PECULIARIDADES DO SISTEMA ESCRAVISTA

Os latifundiários escravistas dispunham de grande prestígio social e poder político-econômico, processo ampliado por estratégias como enlaces matrimoniais, interfamiliares ou clãs, que se tornaram básicos para o progresso econômico e o fortalecimento patrimonial da família ou grupo.

Estudos de renomados historiadores, em especial oriundos de inventários, revelam, desde o Brasil Colônia, que a nossa economia era concentradora e a sociedade desigual. Os grupos economicamente superiores mantinham sua distinção social por força de títulos nobiliárquicos, pela ocupação de altos cargos na administração, pelo controle e reprodução do meio circulante (fornecimento de crédito, vendas a prazo, adiantamentos e intermediação cartelizada de produtos) e ainda a política de casamentos contratados. Em suma, através de expedientes sociais, políticos e práticas privilegiadas, as classes dominantes detinham o continuum do poder e da riqueza, o que, pode-se dizer, estendeu-se, com algumas adaptações, até os nossos dias.

Os casamentos geralmente por “interesses” obedeciam a duas estratégias primordiais: a) pela união sanguínea (casamentos entre primos ou parentes muito próximos); b) por alianças matrimoniais entre filhos de poderosos ou equiparados ao poder socioeconômico dos sogros. A chamada “endogomiasocial”, que através de uniões “escolhidas” – os chamados casamentos “arranjados” – promoviam a concentração de terras, bens e conseqüentemente de poder e ascensão social. Nessas transações de interesses, incluíam-se os dotes constituídos por meios de produção ou de consumo, os quais arrolavam-se joias, gado, dinheiro, escravos, etc. Os dotes eram, em suma, a peça-chave para a preservação e ampliação da fortuna familiar.

O escravo era um patrimônio, uma mercadoria cara e que compunha o legado, ao lado de outros bens, destinado(s) à produção econômica e servindo de referencial ou parâmetro de riqueza de seus proprietários ante a sociedade de então. Um deles, em nosso meio, o Major Joaquim Pinto de Góis e Lara, proprietário das Fazendas do Ribeirão, Ponte Alta, Rio do Peixe tinha 72 escravos registrados. Aliás, as Listas Nominativas de 1832 são um exemplo da distribuição e das relações senhores/escravos, ocorrendo proprietários com mais de 50 escravos, quer em Resende Costa ⁽¹⁾ quer em São Tiago.

Tais proprietários, possuidores de maior número de escravos, necessitavam desenvolver, diversificar e sedimentar atividades econômicas e de planejamento, de forma a ocupar produtivamente tais contingentes de mão-de-obra. Daí as atividades de lavouras, agricultura, pecuária, engenhos, tropas...

(1) A Profª Maristela Peluzi em sua notável tese “Os grandes proprietários escravistas da Lage – 1830/1850”, UFSJ, 2003, afirma que “a elite local da Lage, da terceira década do século XIX, constituiu-se por onze grandes proprietários de escravos (...) Aglomerando um grande contingente escravo, a Lage detinha uma visível capacidade de acumular riquezas” Em síntese: a grande e por vezes assombrosa riqueza de muitos latifundiários devia-se: a) estratégias familiares, através de casamentos de “conveniência” econômica e social – os célebres “arranjos”; b) diversificação de atividades econômicas, em especial após a chegada da Família Real, em que ocorreram expansões da produção na Província de Minas para atender o consumo da Corte.

Realmente, por ser um tema polêmico, senão um tabu até os dias correntes, ainda haverá de merecer melhores e mais amplos estudos por parte de nossos pesquisadores. Aguardemos.

A ESCRAVIDÃO NOS DIAS ATUAIS

Muito se fala no deplorável e abominável tráfico de escravos africanos, conduzidos, durante séculos, como alimárias para a América. Calcula-se que 14 milhões de africanos, dentre homens, mulheres e crianças foram cruelmente deportados, entre os séculos XVI a XIX, numa das mais ignominiosas atitudes e afrontas à humanidade. No entanto, pouco se comenta sobre o tráfico de pessoas nos países do Oriente, de influência árabe-muçulmana, iniciado no século VIII e vigorando praticamente até os nossos dias, pois países como Iemen e Arábia Saudita, por mais incrível que pareça, somente em 1962 tornaram ilegal o tráfico de seres humanos. Segundo estimativas, nesse tempo, naquela região, cerca de 17 milhões de pessoas foram escravizadas e aviltadas.

A Ásia mantém ainda consideráveis contingentes de escravos. Na Índia ainda há a venda e a exploração do trabalho de crianças. Na Coreia do Norte, país fechado ao mundo, há milhões de prisioneiros políticos, “revisionistas” na aceção do aloprado governo comunista, escravizados, violentados e mortos em centenas de campos de concentração. Um repórter da TV Globo mostrou, há algum tempo no programa “Fantástico”, a venda vergonhosa de crianças no Sri Lanka, país-ilha ao sul da Índia, geralmente para prostituição na Europa. Não podemos olvidar que, em pleno século XX, o comunismo russo, sob Lênine e principalmente Stalin, manteve milhares de escravos, condenados sob o eufemismo de “trabalhos forçados” e toda sorte de atrocidades em seus gulags (campos de concentração) siberianos. Atribui-se a Mao TseTung, o morticínio de aproximadamente 80 milhões de chineses, durante sua “Grande Marcha” para tomar o poder e implantar o sanguinário regime comunista na China. De igual forma, Hitler aprisionou e matou milhões de pessoas em crematórios espalhados pela Europa.



UM 'CAUSO' DOS TEMPOS DO CATIVEIRO ⁽¹⁾

O Sargento Mór José Jacinto Rodrigues Góis e Lara era um grande latifundiário, proprietário, dentre tantas, da Fazenda da Papunça, em nosso município e tinha somente ali, à época, pelos inícios e meados do séc. XIX, cerca de 100 escravos. Recebera, certa feita, mais 2 escravos de nomes cristãos Manuel e Alfredo, vindos da Zona da Mata e que lhe foram encaminhados pelo Cap. Valeriano Lara, seu parente. Homens rudes, indóceis, os dois recém chegados logo passaram a tumultuar o andamento dos trabalhos e o dia a dia na fazenda, incitando os demais escravos contra o regime escravista e senhor daqueles domínios. Castigos no tronco a eles, amiúde, aplicados pouco resultado tiveram. Pelo contrário, tornavam-se cada vez mais rebeldes e rancorosos e passaram a arquitetar terríveis tramas.

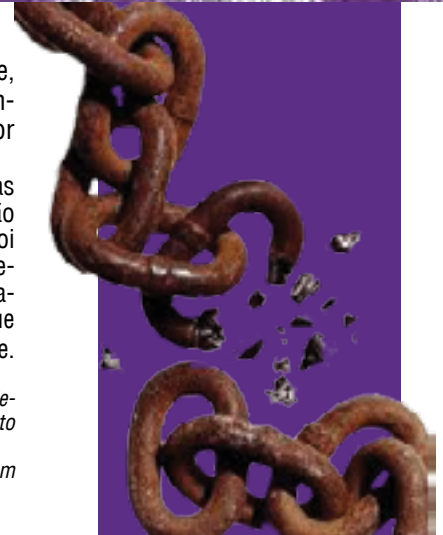
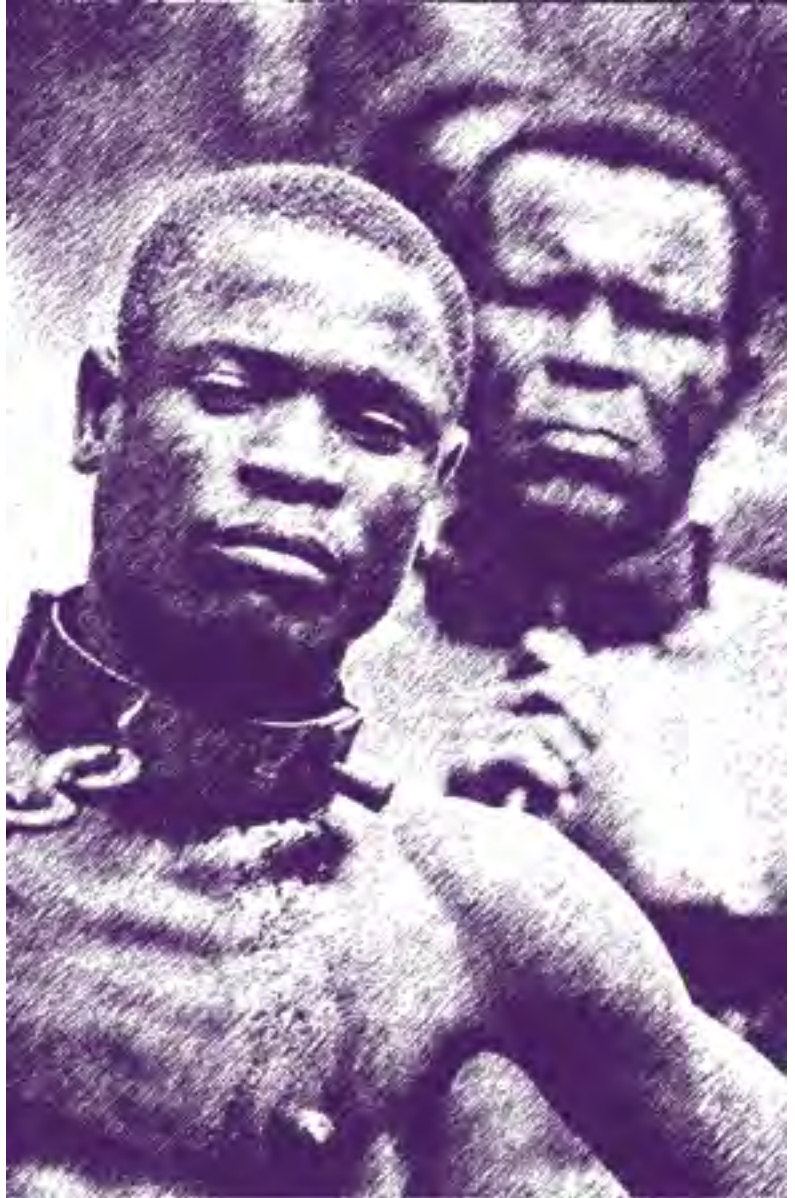
Numa oportunidade em que o Sargento Mór José Jacinto estava em uma de suas costumeiras viagens, os dois escravos que, juntamente com um grupo de trabalhadores cativos plantavam uma lavoura de milho, rebelaram-se, tentando assassinar o capataz, de nome Agenor, o qual perdeu o controle da situação, conseguindo, porém, escapar a tempo. Furiosos, os dois insurrectos dirigiram-se à sede, onde assassinaram o cozinheiro, além de praticarem outros graves delitos de roubo e violência contra moradores, inclusive mulheres. Dali dirigiram-se ao arraial (São Tiago), escondendo-se num mocambo ou moquico, na verdade um aglomerado de calujes (cabanas), onde é hoje, aproximadamente, a Estiva e trevo de entrada da cidade. Ali funcionava um concorrido prostíbulo, pois o local era um entroncamento e bifurcação de estradas e ponto de passagem de comboios, boiadas e viajantes com destino ao "sertão", ao litoral, o sul de Minas e Vila Rica. Homiziavam-se ali desocupados e mulheres denominadas de "má vida".

Localizados pelo feitor, este acompanhado pelo filho do Sargento Mór José Jacinto, apelidado de Darvelê ou ainda familiarmente Lelé, e alguns escravos fiéis, foram, porém, surpreendidos por um dos fugitivos que, fingindo-se entregar, em momento de descuido de todos, munido de uma faca, oculta entre as grossas e calosas mãos, matou o capataz. A seguir, refugiou-se novamente nos casebres das me-retrizes e dos réprobos que ali se abrigavam. Lelé e os escravos recuaram então, ficando alguns de vigília, levando-se o assunto ao conhecimento do Sargento Mór, que acabara de retornar de sua viagem de negócios. Destemido, o Sargento Mór, acompanhado de seus fiéis escravos Adão e Silvério ⁽²⁾, resolveu pessoalmente, deslocar-se até o calujé onde se encontravam escondidos os perigosos facinoras. Providenciou, inicialmente, um isolamento do local, cercando-o e ocupando-o de todos os lados, por escravos de sua confiança, dentre eles Lúcio, João e Sebastião.

Ali chegado, o Sargento Mór, gritou, exortando-os a se entregarem. Foi recebido com ameaças ferozes e de pronto atacado. O Sargento que se posicionara em ponto estratégico, lançando mão de arma, um bacamarte adaptado, matando um e ferindo o outro na perna. O escravo morto foi ali mesmo enterrado, enquanto o outro foi amarrado e reconduzido à fazenda. Resistiu selvagemmente. Ali, na presença de todos os cativos, para tal convocados e para pavor geral, foi supliciado, no tronco, até a morte. Ao final da tétrica cena, o Sargento-mór esclareceu: - Todos os que intentarem fuga e cometerem atrocidades como esses dois renegados, terão destino semelhante.

(1) Optamos por reproduzir o "causo" ipsis verbis, da maneira como o ouvimos. Provavelmente hajam impropriedades históricas, onomásticas e que foram aqui relevadas, de forma a se dar voz, autenticidade e fluidez ao relato guardado, há cerca de dois séculos, pela oralidade local.

(2) Segundo a tradição oral, os dois escravos Adão e Silvério, por ordem do Sargento Mór, após sua morte, foram alforriados, ganhando uma gleba de terras no lugar "Içara", falecendo ambos ali já centenários.



O Candidato

Aí pela década de 1960, Dr. Ari Alves de Carvalho, mito da medicina e chefe político regional, convoca José Marques Sobrinho (Zé do Felício) para dar um pulo até Bom Sucesso. Chamado de Dr. Ari era uma ordem, a ser cumprida “prá ontem”. Zé atende-o prontamente, tão logo recebe o recado, ainda mais de quem, pois Dr. Ari era o pai de todos os necessitados da região e de quem se dependia sempre em casos de doença, seja para consulta, exames ou hospitalização. Um dos maiores mitos da medicina mineira em todos os tempos. E uma liderança política indiscutível em toda a região. Não havendo carro disponível, Zé desloca-se de Mercês de Água Limpa até Bom Sucesso a cavalo. A galope, na verdade.

Dr. Ari estava patrocinando a candidatura de um jovem político, então desconhecido de todos, ao cargo de deputado, pois haveria eleições para a Assembleia Legislativa naquele ano. E arregimentava apoio junto aos caciques da região, dentre eles Zé do Felício, de forma a assegurar parcela máxima de votos do eleitorado de Mercês de Água Limpa ao seu pupilo. Após entendimentos, solicita a Zé para promover uma grande e memorável concentração popular em Mercês para recepcionar, dali a dias, o candidato e toda a sua comitiva. Dr. Ari queria mostrar e demonstrar todo o seu prestígio. Combinam dia e horário, o comício seria à boca da noite, com as despesas bancadas por Dr. Ari.

Retornando a Mercês, Zé do Felício convoca toda a população, indo praticamente de casa em casa e a perspectiva do evento gera uma frisson no distrito. Expectativa geral. Apregoava-se que, com a eleição do deputado, afilhado de Dr. Ari, Mercês receberia grandes investimentos: energia elétrica farta, calçamentos, a chegada de indústrias mineradoras de maior porte, falava-se até em asfalto e um hospital. Até numa “cidade ou centro atômico” chegou-se a comentar, pois a região, dizia-se, era rica em minerais radioativos. Zé encomenda a confecção de vasto estoque de foguetes. Ensaios da banda de música. Envolvimento de professoras e das crianças da escola. Até irmandades, como filhas de Maria, congregados marianos, vicentinos, grupos de congado e bate-paus foram convidados.

No dia aprazado, ao entardecer, considerável aglomeração de populares na praça principal. Palanque montado, ornamentado, florido. Homens, mulheres e crianças em clima festivo. Bandeirolas na mão, cartazes com foto do político sendo agitadas. Mestre de cerimônias, o Sr. Hugo de Camargo Machado. Orador oficial, o Sr. Alencar Fonseca, farmacêutico e intelectual da comunidade. Todas as lideranças, além de Zé do Felício, ali a postos: Joaquim Resende de Carvalho (Quinzinho Maria), João Marques Pereira, Realino Machado de Sousa, João Esteves Caputo.

Tempo de estradas, como ainda hoje, passado meio século, de terra, em estado precário, esburacadas, péssima conservação. Iluminação deficiente circunscrita ao centro do distrito, ao entorno da Igreja Matriz, o restante às escuras. Sem telefone ou outra forma de contato direto com o político e sua comitiva, que, a essa altura, pelo andar da carruagem, ou seja do relógio, já deveriam estar chegando ao povoado.

Povo já inquieto. Os ponteiros do relógio marcando já 20 horas, 20 horas e meia... Às certas e às tantas, uma luz, um farol, dos lados de Bom Sucesso, aponta no alto da rua. Seria, enfim, o político. O veículo se aproxima e pára quase à entrada do palanque. Euforia. Foguetório. Banda de música a toda, entoando vibrantes marchas cívicas e militares, sob a competente regência do maestro José Alexandre da Silva (Zé Rosena). O orador, do alto do palanque, inicia laudatório discurso de recepção. O carro é cercado por autoridades e populares. Bem observado, em mau estado de conservação. Um trambolho. Custam-se abrir as emperradas e empoeiradas portas. Dele sai, ressabiado, um estranho. O homem visivelmente apavorado, perplexo, ergue-se, bate longamente a poeira da roupa, escora-se na lataria, pergunta sobre o que está acontecendo ali e antes que lhe deem resposta, se identifica:

- Sou fumeiro. Vendedor de fumo, vindo de Perdões E não sabia que a população daqui era tão hospitaleira...

Uma senhora decepção para todos!

Noite já espichada, surge o candidato. A essas alturas, com quase nenhum público, foguetes todos já tinham sido estourados, discursos esgotados e descoroçoamento de uns poucos gatos pingados que ficaram aguardando o ilustre visitante.... E cuja eleição não reverteu em nada para a população águaimpense...



Nariz de Palhaço

Misturadas ao cenário da paisagem urbana, evidenciam - se nas ruas a alegria e a repercussão do palhaço, acompanhado por crianças e adolescentes, bradando em altas vozes: “Hoje tem... hoje tem? Tem, sim, senhor! Tem marmelada? Tem, sim senhor! Tem goiabada? Tem, sim, senhor! Hoje tem espetáculo? Tem, sim ,senhor!” anúncio para mim muito vulgar e pouco cultural ... talvez por não ter aprendido apreciar certos tipos de folclore e festas populares. Entretanto, seria preciso conhecer para compreender ...ou vice - versa. Para isto, varei a madrugada pensando e tentando entender tais popularidades. Comecei então por refletir sobre o nariz de palhaço, recurso muitas vezes empregado nos hospitais para distrair doentes acamados, sobretudo crianças ...com poderosos resultados. Nas escolas infantis, educandos adoram palhações: no palco ou nos programas de TV, a exemplo de Patati e Patatá ...

Pensando bem, o nariz de palhaço, vermelho e feito com confortáveis produtos do látex, é interessante – de modo especial quando se tem o objetivo de agradar – não levando em conta o uso do mesmo em protestos políticos e manifestações sociais.

Mas, considerando a palavra palhaço como derivada de palha e esta vista como objetivo de enchimento de colchão – geralmente de pano grosso e listrado – um novo olhar aponta este importante personagem – o palhaço, criado para entreter o público – como uma espécie mesmo de “colchão”, com suas roupas listradas, coloridas e enfeitadas.



Desse modo, pensar o palhaço com esta missão de entreter e levar alegria ao público é uma atitude que nos permite compreender o papel ao qual ele se presta, ressaltando: o bufão – romântico, melancólico, o clown – palhaço lírico, inocente, frágil e angelical; o arlequim – típico do carnaval... personagem que tenta encontrar seu par: a Colombina.

Enfim, se nariz de palhaço apresenta grandes sucessos, mencionemos então o próprio palhaço ...galante e gracioso ... mesmo que, com sua alegria, procure disfarçar alguma tristeza escondida por detrás da máscara. Máscara que, segundo o filósofo, vem caracterizar a realidade retratada na pessoa, mais do que no próprio ator. Assim, com suas vestes vermelhas e vistosas, nem sempre os palhaços são alegres em seu interior, mas pessoas sempre de bem com a vida. Nesse contexto, admitimos o palhaço como um ser humano que vai à busca de energias positivas, transformando-as para passá-las à plateia, como formas de entretenimento.

O que nem todos sabem é que temos no calendário um dia consagrado ao palhaço: é o dia 10 de dezembro, bem próximo à data dedicada ao Papai Noel, outra figura também peculiar do palhaço – muito embora ele fosse também um de nossos santos – São Nicolau.

Finalmente o palhaço, antes de ser um personagem extravagante e extrovertido, é aquele que, com suas roupas exóticas, cara pintada e nariz vermelho, tenta deleitar e alegrar pessoas, até mesmo as que não acreditam na sua filosofia, sua pedagogia e sua capacidade de educar.

Nilza Trindade de Moraes Campos

